# Portugal: o país onde trabalhar já não chega

Publicado em 2026-11-14 15:40:00




# Portugal: o país onde trabalhar já não chega

*Quando o emprego deixa de garantir autonomia, o problema já não é apenas económico: torna-se social, geracional e democrático.*

> aceitar como normal que alguém trabalhe todos os dias e, mesmo assim, permaneça economicamente vulnerável.

Há uma forma particularmente silenciosa de pobreza que não aparece nas fotografias mais dramáticas nem cabe facilmente nos discursos oficiais.

É a pobreza de quem trabalha.

De quem se levanta cedo, cumpre horários, paga impostos, produz, atende clientes, conduz carrinhas, programa sistemas, trata de doentes, ensina crianças, limpa escritórios, serve refeições, constrói casas — e chega ao fim do mês a fazer contas para perceber se sobra alguma coisa depois da renda, da prestação, da electricidade, dos alimentos e dos transportes.

Durante muito tempo, a sociedade portuguesa viveu com uma espécie de contrato moral implícito: quem trabalhasse, quem fosse responsável e quem fizesse a sua parte teria, pelo menos, uma vida materialmente digna.

Esse contrato está a degradar-se.

# Um país onde o salário deixou de proteger

O problema português já não pode ser explicado apenas pelo desemprego.

Há pessoas empregadas que vivem em permanente fragilidade financeira.

Trabalham, mas não conseguem poupar. Trabalham, mas adiam uma consulta médica. Trabalham, mas regressam à casa dos pais. Trabalham, mas não conseguem comprar habitação. Trabalham, mas pensam duas vezes antes de ligar o aquecimento. Trabalham, mas uma reparação inesperada no automóvel pode transformar-se numa pequena crise familiar.

Quando isto acontece em grande escala, já não estamos perante dificuldades individuais.

Estamos perante uma falha estrutural da economia.

Porque o salário deveria representar mais do que a mera sobrevivência.

Deveria proporcionar autonomia.

Governos gostam de falar de crescimento económico.

O PIB aumentou. As exportações cresceram. O turismo bateu recordes. O emprego está elevado.

Tudo isso pode ser verdadeiro.

Mas existe outra pergunta, muito mais importante para quem vive fora das folhas de cálculo:

> *Quanto melhorou efectivamente a vida das pessoas?*

Uma economia pode crescer sem que a maioria da população se sinta mais rica.

Pode aumentar o PIB enquanto aumentam simultaneamente as rendas, as prestações da casa, os alimentos, os seguros, os transportes e os serviços.

E então acontece algo curioso.

O país fica estatisticamente mais rico.

Existem apenas duas formas diferentes de medir a realidade.

## O círculo vicioso dos baixos salários

Portugal vive há décadas preso num mecanismo económico particularmente resistente:

> *baixos salários → baixo consumo → pouca poupança → pouco investimento → baixa produtividade → baixos salários.*

É um ciclo difícil de quebrar.

Empresas que competem sobretudo pelo preço precisam de controlar custos. Controlando custos, limitam salários. Salários baixos reduzem a procura interna. Uma procura interna fraca reduz a capacidade de crescimento das empresas. E empresas com margens reduzidas

produtividade reduzida.

E voltamos aos salários baixos.

É quase uma máquina de movimento perpétuo económico.

Infelizmente, esta funciona.

## O preço invisível da emigração

Quando uma economia não consegue oferecer perspectivas suficientes aos seus jovens mais qualificados, acontece algo perfeitamente racional.

Eles partem.

Engenheiros, médicos, enfermeiros, investigadores, informáticos e técnicos especializados procuram noutros países salários e oportunidades impossíveis de encontrar em Portugal.

Do ponto de vista individual, muitas vezes fazem bem.

Do ponto de vista colectivo, o país sofre uma enorme perda.

economia.

É uma espécie de programa nacional de exportação de capital humano sem factura.

E depois lamentamo-nos porque faltam especialistas.

## Habitação: o multiplicador da pobreza

Nenhuma análise da precariedade portuguesa pode hoje ignorar a habitação.

Uma pessoa pode receber um salário aparentemente razoável.

Mas se metade desse salário desaparecer numa renda ou numa prestação hipotecária, o rendimento real disponível muda completamente.

É por isso que discutir salários sem discutir habitação é observar apenas metade do problema.

O custo da casa tornou-se um enorme imposto privado sobre o rendimento das famílias.

E afecta sobretudo os mais jovens.

Formar uma família, ter filhos, sair da casa dos pais ou simplesmente viver sozinho transformaram-se, para muitos, em decisões económicas extraordinariamente difíceis.

Uma sociedade que torna demasiado caro começar uma vida adulta acabará inevitavelmente por pagar essa escolha na demografia.

## A desigualdade não é apenas dinheiro

Existe ainda uma dimensão menos discutida.

A desigualdade económica transforma-se gradualmente em desigualdade de oportunidades.

Quem possui património pode ajudar os filhos. Quem possui casa pode servir de garantia. Quem tem poupanças pode sobreviver a um período de desemprego. Quem possui contactos encontra oportunidades mais rapidamente. Quem nada possui começa sempre alguns metros atrás.

É por isso que uma democracia não pode limitar-se a garantir igualdade perante a lei.

Tem também de preservar níveis razoáveis de mobilidade social.

Quando a posição económica dos pais determina excessivamente o futuro dos filhos, a sociedade começa lentamente a transformar-se numa aristocracia sem títulos nobiliárquicos.

## A precariedade económica torna-se precariedade democrática

Existe ainda uma consequência mais profunda.

Quem vive permanentemente preocupado com a sobrevivência financeira dispõe de menos liberdade real.

Pode aceitar um emprego abusivo porque precisa do salário. Pode evitar confrontar uma injustiça porque teme perder o trabalho. Pode permanecer numa situação degradante porque não tem reservas financeiras. Pode tornar-se vulnerável a discursos políticos simplistas que

segurança económica.

Uma pessoa desesperada é formalmente livre.

Mas a sua margem de escolha é pequena.

É por isso que a desigualdade extrema não ameaça apenas a justiça social.

Pode ameaçar a própria democracia.

## O problema não é existirem ricos

Convém esclarecer uma ideia.

O problema de uma sociedade saudável não é existirem pessoas ricas.

A criação de riqueza deve ser incentivada.

Empreendedores, investidores, cientistas, engenheiros e empresas que inovam e criam valor são essenciais ao progresso.

O problema surge quando uma economia produz riqueza sem conseguir distribuí-la através de salários,

Mas deve também permitir viver dignamente sem enriquecer.

Não podemos exigir que cada cidadão seja empresário, investidor ou génio tecnológico apenas para conseguir pagar uma casa.

## Portugal precisa de mudar a pergunta

Durante décadas perguntámos:

> *Como podemos manter salários competitivos?*

Talvez seja tempo de perguntar:

> *para pagar salários europeus?*

É uma pergunta muito diferente.

Obriga a discutir educação exigente, tecnologia, digitalização, investigação, gestão profissional, capitalização empresarial, inteligência artificial, indústria avançada, energia, justiça económica e eficiência do Estado.

Obriga também a abandonar uma velha ilusão portuguesa: competir permanentemente através de mão-de-obra barata.

Num mundo onde robótica, automação e inteligência artificial reduzirão progressivamente o valor económico do trabalho repetitivo, essa estratégia não é apenas injusta.

É tecnologicamente suicida.

## Uma economia deve servir pessoas

A economia é uma ferramenta.

Mas nenhum deles constitui o objectivo final de uma sociedade.

O objectivo é permitir às pessoas construir vidas dignas, livres e previsíveis.

Ter uma casa. Criar filhos. Poupar algum dinheiro. Viajar ocasionalmente. Ajudar os pais. Envelhecer sem medo. Ter tempo.

E, sobretudo, poder olhar para o futuro sem sentir que qualquer pequeno acidente financeiro pode derrubar toda a estrutura da vida.

Portugal não será verdadeiramente um país rico enquanto essa segurança continuar reservada apenas a uma parte da população.

Porque existe uma definição de pobreza muito mais profunda do que qualquer indicador estatístico.

É trabalhar durante uma vida inteira e continuar permanentemente a um imprevisto de distância do abismo.

> *Uma sociedade decente não deveria aceitar que trabalhar seja apenas suficiente para sobreviver. Deveria permitir viver.*

## DADOS ESSENCIAIS

- Segundo o Eurostat, 19,7% da população portuguesa estava em risco de pobreza ou exclusão social em 2024.
- Em 2025, 20,9% da população da União Europeia encontrava-se em risco de pobreza ou exclusão social.
- A OCDE assinala que a produtividade do trabalho em Portugal permanece cerca de 17% abaixo da média da organização.
- A OCDE considera a acessibilidade da habitação um problema estrutural em Portugal, com impacto particularmente forte sobre os jovens.
- O Relatório de País 2026 da Comissão Europeia continua a enquadrar desigualdades,

# Nota Editorial

Esta crónica não pretende negar os progressos macroeconómicos registados por Portugal nos últimos anos, nem transformar a desigualdade numa acusação simplista contra a criação de riqueza. O ponto central é outro: uma economia só pode considerar-se socialmente bem-sucedida quando o crescimento, a produtividade e a criação de valor se traduzem, de forma suficientemente ampla, em autonomia material e perspectivas de vida.

Os indicadores internacionais mostram um quadro mais complexo do que qualquer slogan. Portugal tem registado crescimento económico e emprego elevado, mas continua a enfrentar uma produtividade abaixo da média da OCDE, dificuldades sérias de acesso à habitação e níveis relevantes de risco de pobreza e exclusão social. A questão decisiva não é, por isso, saber se o país cresce; é saber que tipo de economia está a

> trabalho deve voltar a ser um instrumento de emancipação. Quando uma sociedade se habitua a que trabalhar apenas evite a queda imediata, mas já não permita construir futuro, começa a perder mais do que rendimento. Perde confiança, mobilidade social e, lentamente, a própria substância da cidadania.

## Referências credíveis


- OECD — OECD Economic Surveys: Portugal 2026
- OECD — Tackling Portugal’s housing affordability challenge
- Eurostat — Key figures on Europe, 2025 edition
- Eurostat — 20.9% of people at risk of poverty or social exclusion, 2025
- Eurostat — Key figures on Europe, 2026 edition
- European Commission — Country Report: Portugal 2026

# Blogue Fragmentos do Caos

*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

**Augustus Veritas**

Co-autoria editorial

Fragmentos do Caos

FC-Chronic-News

☁️ GitHub Pages

🛰️ CodeBerg Pages

🌌 **Fragmentos do Caos:** Blogue • Ebooks • Carrossel

👁️ Esta página foi visitada ... vezes.

Contactos